

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMAGÉTICA DA PESCA NA ATENAS DO PERÍODO CLÁSSICO

Ana Livia Bomfim Vieira*

Résumé

Ce travail a pour objectif d'identifier et d'examiner quelques questions présentes dans l'imagétique de la pêche à l'époque classique athénienne. La lecture de ces représentations nous permet de construire une image de la pêche et du pêcheur différente de celle présentée dans la majorité de la documentation textuelle.

Mots-Clés: Athènes; pechêur; ambivalence; iconographie; identité.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar e discutir algumas questões presentes na imagética da pesca para o período clássico ateniense. A leitura dessas representações nos permite construir uma imagem da pesca e do pescador diferente daquela apresentada na maioria da documentação textual.

Palavras-chave: Atenas; pescador; ambivalência; iconografia; identidade.

A temática de pesca na cerâmica ática do período clássico não é numerosa e está situada, de forma geral, entre 520 e 470 a.C. Estas representações privilegiam a pesca costeira e a pesca de rio. Mas, de qualquer forma, elas nos fornecem dados importantes para a construção e compreensão de como esta atividade era representada – a escolha dos signos de representação do tema “pesca” ou “pescador”¹ – com suas técnicas, instrumentos, embarcações, vestimenta do pescador, e, também, de como este homem era visto pela *polis*, da qual era parte integrante.

Primeiramente, como podemos perceber, as representações de cenas de pesca foram produzidas, eminentemente, durante um período conturbado

* Professora adjunta de História Antiga do Departamento de História e Geografia da UEMA.

politicamente em Atenas. Após o fim da tirania dos Pisistrátidas, a *polis* ateniense passa por um processo de consolidação da democracia em que os valores a ela ligados precisavam ser reforçados. Os grupos rivais no interior da *polis* – oligarcas e democratas – estavam em pleno conflito e a chamada democracia radical vai silenciar uma série de referências associadas às práticas ou ao espaço privilegiado dos *arístoi*, o espaço rural, a *chôra*. Este é o caso para as temáticas ligadas às atividades ditas rurais – agricultura, pastoreio (CHEVITARESE, 2001) – à caça, ao homoerotismo (SUTTON, 1992), ao banquete (LIMA, 2000) e também as representações de pesca.

Observamos, contudo, que, ao contrário dos textos, a iconografia representou majoritariamente a chamada pequena pesca, ou seja, a pesca de rio ou de lago. E são essas imagens que podemos inserir no conjunto de práticas associadas aos aristocratas porque pertenciam a uma economia rural. Todavia, imagens representando a grande pesca, a pesca de alto mar, essas são, para o período trabalhado, inexistentes². O que nos leva a crer, e sobre isso nos aprofundaremos mais à frente, que a pesca de alto mar não poderia ser inserida nesta “economia rural” da mesma forma que a pequena pesca. Ela tem que ser analisada como a atividade marítima que é e ser comparada, se for o caso, ao comércio marítimo ou à marinha, no sentido de que todas possuem como espaço de atuação o mar.

Podemos observar alguns elementos (unidades formais mínimas) recorrentes utilizados para a representação da atividade da pesca e do pescador. É claro que, sobre isto, devemos ter em mente que é o artesão que escolhe, sobre uma determinada temática, o que e como ele vai representá-la (FRANCASTEL, 1987, p.28). E que esta escolha está calcada em um imaginário social que perpassa essa comunidade, permitindo que qualquer um, através de uma relação de ordem simbólica, seja capaz de compreender o que está sendo representado. Evidentemente que os signos utilizados pelos pintores para representar uma cena de pesca, por exemplo, possuem um caráter polissêmico, permitindo variadas formas de interpretação por parte das pessoas e dos diversos grupos sociais pertencentes à *polis* dos atenienses (DARNTON, 1995).

Através da leitura das imagens, foi possível destacar alguns dos elementos que caracterizam a representação temática de pesca e pescador: cesto, rede, peixe, animais marinhos, vara, linha, gorro, dorso nu. A presença de pelo menos três dessas unidades icônicas nos permite apreender a mensagem que o pintor intencionava comunicar, ou seja, a partir desses

elementos podemos identificar como este grupo era representado e, logo, como ele era visto por aqueles que não se ocupavam da mesma atividade, já que sabemos que a escolha dos signos representativos de uma determinada temática não é aleatória, e sim feita a partir do conjunto de elementos presentes e reconhecidos por todos. Isto se torna ainda mais relevante por ser o pescador um profissional que exerce seu ofício longe dos olhos da maioria dos habitantes da *polis* dos atenienses.

Uma *péliké* ática de figuras vermelhas – figura 1 –, datada de aproximadamente 480 a.C., serve de suporte para uma cena provavelmente representativa da pesca de rio.

Na cena A, observamos a presença de dois homens, um jovem e um mais velho – indicação dada pela barba daquele que se encontra acorrido sobre uma pedra ou rochedo. Assinalamos as unidades formais mínimas – gorro/peixes/cesto/vara – como caracterizadoras de uma cena de pesca. O gorro utilizado pelos dois personagens parece ser um signo ligado aos camponeses áticos de uma forma geral; contudo, associado aos outros signos, remete a este grupo específico.

Os dois personagens, frente a frente na primeira cena, sugerem uma cena de pesca de rio. O personagem da esquerda carrega na mão esquerda uma vara com um cesto amarrado na ponta, enquanto o personagem mais velho da cena, acorrido, segura na mão direita uma vara de pesca (vara/linha/peixe) com um peixe preso na ponta da linha. Na mão esquerda, ele segura um cesto. O cesto é um instrumento muito associado aos pescadores, pois é comumente usado para o transporte e armazenamento dos peixes.

Podemos perceber que cada personagem localiza-se em um lado do terreno representado pelo pintor como sendo irregular. Entre os dois personagens, na parte inferior do vaso, são representados dois peixes, sugerindo que por ali passa um rio de onde eles estão sendo pescados.

Na verdade, este tipo de representação de cena de pesca é a mais comum: a pequena pesca ou o pescador que traz suas presas dentro do cesto. É o caso da cena B deste mesmo vaso.

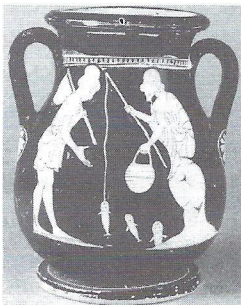
Nesta cena somente um personagem é representado, provavelmente o mesmo personagem – o mais jovem – da cena A. Ele caminha carregando na mão esquerda, apoiada no ombro, uma vara com dois cestos em cada ponta. Nota-se, portanto, ainda presentes os signos gorro/vara/cesto, identificando este personagem como um pescador. O vaso como um todo emite esta mensagem.

Outro dado significativo desta cena é a presença de uma *herma* itifálica, que é deixada para trás do personagem da cena. Como sabemos, uma *herma* marcava mudança de espaço, logo, podemos compreender a mensagem como sendo de uma passagem do local de pesca para o local de venda ou consumo. Se estes peixes fossem ser vendidos, o personagem poderia estar se deslocando do espaço rural para o mercado da *ágora*, na *ásty*. Se eles estavam sendo levados para consumo próprio, isto levanta uma questão que voltaremos a abordar mais à frente: o espaço de habitação do pescador. Se ele vive no espaço rural (e se a pesca é simplesmente uma atividade de apoio à agricultura, ou seja, na base esses homens eram todos agricultores e não pescadores) porque, para o consumo do peixe, ele precisaria cruzar um marco de mudança de espaço? O que podemos afirmar com certeza é que a pesca de rio era realizada fora do espaço urbano.

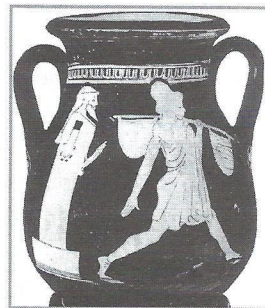
A presença da *herma*, contudo, aponta para um outro aspecto. A mudança de espaço sugerida pode ser também, e acreditamos que seja, uma passagem entre dois espaços simbólicos: o da selvageria e o da civilização.³

Figura 1

Cena A



Cena B



Viena, Kunsthistorisches Museum - IV 3727 (VILLANUEVA-PUIG, 1992, p.82).

A pesca com vara é, sem dúvida, a técnica de pesca mais representada na imagética dos vasos áticos, o que nos indica, inclusive, sua maior proximidade do olhar dos outros membros da *polis*.

Também de cócoras sobre o que parece ser um ponto qualquer do litoral, está o pescador representado na figura 2. Neste medalhão de uma taça Ática (480 a.C.), podemos perceber que o personagem da cena, um homem jovem – imberbe –, segura com a mão direita uma vara e com a esquerda o cesto que, provavelmente, será usado para guardar o peixe que fiska sua linha. Uma nova representação da pesca com vara nos é apresentada. Podemos ainda salientar a presença, no fundo da água, de uma outra espécie de cesto, sugerindo a idéia de uma armadilha.

Figura 2



Boston, Museum of fine arts - 01.8024 (VILLANUEVA-PUIG, 1992, p. 75)

Gostaríamos de acrescentar que a preferência pela representação da pequena pesca não coincide com os dados textuais. Na documentação textual, as informações obtidas sobre a atividade pesqueira e, sobretudo, sobre o pescador dão conta, prioritariamente, da pesca em alto-mar, seja com rede ou com arpão⁴. Isto vem reforçar a nossa idéia de que, sendo a pequena pesca uma atividade complementar à agricultura, a grande pesca era, ao contrário, uma atividade em si, realizada por homens que se dedicavam exclusivamente a essa atividade. E sendo ela realizada em alto mar, ou seja, longe do olhar “civilizado”, era desconhecida o bastante para não ser representada pelos pintores.

Outro dado que podemos aferir diz respeito ao olhar dos personagens. É fácil perceber que, em todas as imagens, os homens têm um olhar de perfil. Isto quer dizer que é uma cena proibida para aquele que lê a mensagem. O receptor não estaria convidado a participar da cena e indicaria um exemplo a ser seguido, caso estivesse na mesma circunstância.

Acreditamos que essa informação vem reforçar a idéia de identidade de grupo com atividades e práticas ligadas exclusivamente à atividade da pesca e ao “ser pescador”. Se você não é pescador, se você não sabe ou não detém essas técnicas, você está excluído desta atividade, mas também reforça a nossa hipótese de que se for para ser um pescador, que não faça do mar seu único espaço de atuação. As representações de pesca, sendo elas todas da pequena pesca, vêm reafirmar o ideal de pesca como suporte e não como atividade de dedicação exclusiva.

Mas não podemos deixar de nos perguntar o motivo da ausência na representação das cenas de pesca no mar. Mesmo quando consideramos que o pescador não possuía um estatuto elevado dentro da *polis* dos atenienses, podemos identificar, e a documentação iconográfica nos aponta este caminho, que havia ainda uma diferença entre o estatuto do pescador de rio ou aquele da pequena pesca do litoral e o do pescador de alto-mar. O segundo nos parece ser muito mais “invisível” e desconhecido que o primeiro. E sabemos o que poderia representar o desconhecido, o “outro” em uma sociedade como a ateniense: perigo, contaminação, desagregação. Se não podemos fazer com que ele não exista, pois é evidente o lugar da pesca como atividade econômica e de subsistência individual e coletiva, podemos simplesmente deixá-lo de lado, relegá-lo ao seu lugar de ambivalência.

Se aceitarmos, e é essa nossa perspectiva, que a imagem nutre o desejo de reencontro com o mundo, com o ausente; que a representação é (e nos torna) sensível à presença do ausente (LAVAUD, 1999, p. 14-25), a não-representação significaria o desejo de anulação, de esquecimento, a ausência consentida.

E isso se torna ainda mais contundente quando aceitamos que a realidade, ela também, não sai ileso. Ela é tocada e ganha novos contornos a partir do poder da representação como manifestação do fenomenal. Logo, não representar o pescador em alto-mar poderia ser uma forma de torná-lo ainda mais invisível ou ausente. Era a “não-vontade” de se reencontrar com o seu mundo ou de compreendê-lo. E, sobretudo, era o medo de que a realidade, a *polis* ateniense e os valores que a sustentavam, fosse tocada e transformada por este grupo de caráter tão impreciso.

O que guardamos a partir da análise dos vasos com temática de pesca é que, em primeiro lugar, a pesca representada nos vasos não é a mesma majoritariamente representada nos textos escritos. No primeiro caso, o

pescador é quase sempre aquele de rio ou da pequena pesca costeira, que estaria muito mais integrado e sob os olhares do corpo da *polis*. Nos textos, o pescador é prioritariamente o de alto-mar e que, por isso, carrega sob os seus ombros o olhar receoso dos atenienses.

Em segundo lugar, ao contrário dos textos, as imagens não nos permitem afirmar, pelo que dizem, a ambivalência deste grupo. Não podemos aferir um juízo de valor negativo a esse respeito nas representações realizadas. E isso se dá, em grande parte, pela razão apresentada acima. Contudo, não podemos deixar de perceber que, no conjunto das representações, o corpo do pescador é sempre representado curvado, torcido, com braços levantados e pernas dobradas, arqueadas ou abertas. Não é uma representação grotesca, mas também não se trata de corpos harmônicos. Talvez possamos aferir daí uma referência ao trabalho duro dos pescadores, que, possivelmente, ficavam longo tempo em posições pouco confortáveis que terminavam por marcar seus corpos.

Mas devemos destacar que acreditamos que a imagética com esta temática nos diz muito mais, e julga muito mais, quando opta pela “não-representação”.

Documentação Material

BOARDMAN, J. **Athenian Red Figure Vases**. London: Thames and Hudson, 1993.

VILLANUEVA-PUIG, M.-C. **Images de la vie quotidienne en Grèce dans l'antiquité**. Paris: Hachette, 1992.

Bibliografia

BOARDMAN, J. **The Greeks overseas**. Londres: Thames and Hudson, 1980.

CHEVITARESE, A. L. **O espaço rural na pólis grega. O caso ateniense no período clássico**. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros/Senai, 2001.

CLOCHÉ, P. **Les classes, les métiers, les trafics**. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

COHEN, E. E. ‘Athenian Finance: Maritime and Landed Yields’. **Classical Antiquity**. Berkeley: California Studies in Classical Antiquity, 1989, v. 8, n. 1.

DARNTON, R. **O Beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DESSE-BERSET, N. 'La pêche est au bout du jardin... Deux îles, hier et aujourd'hui'. **Anthropozoologica**. Paris: Muséum d'Histoire Naturelle, 1995, n. 21.

DESCAT, R. '*L'Économie antique* et la Cité Grecque. Un Modèle en Question'. In: **Annales. Histoire, Sciences Sociales**. 5, 1995, p.961-990.

DUMONT, J. Halieutika: Recherches sur la pêche dans l'antiquité grecque. Resumo da tese de Doutorado. Paris: Université de Paris IV, 1981.

FRANCASTEL, P. **Imagem, Visão e Imaginação**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LAVAUD, L. **L'Image**. Paris: Flammarion, 1999.

Notas

¹ O pescador é representado também em alguns vasos que anunciam o mito de Danae e Perseu. É preciso muito cuidado com o tratamento e análise destas imagens, pois, além de serem um relato mítico, não apresentam o pescador em sua atividade. Mas nos informam, sem dúvida, sobre aspectos da profissão.

É claro que podemos aferir também algumas imagens referentes a um contexto de sacrifício que antecede o consumo ou a venda da carne do peixe. Elas não nos remetem imediatamente ao tema da pesca, visto que comerciantes de peixe não são necessariamente pescadores, mas nos dizem muito sobre os hábitos alimentares dos atenienses.

² Possuímos apenas duas imagens que fazem uma possível referência à pesca de alto-mar, mas de forma indireta, pois, podemos observar, são representadas redes de pesca.

³ O pescador, como trabalhamos mais pormenorizadamente em nossa tese de Doutorado, era sempre associado ao selvagem, possuindo um lugar social de ambivalência.

⁴ As duas formas mais comumente mencionadas.